



## **EMPURRAR O CÉU COM AS MÃOS: PRÁTICAS COLETIVAS DE EXPANSÃO**

Pushing the sky with hands: collective expansion practices


**Alessandra Guterres Deifeld<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-3242-126X> 


**Desirée dos Santos<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-6298-5915> 


**Elton da Silva Rodrigues<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1890-7482> 


**Isabele Soares Parente<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-0561-5488> 


**Jair Zandoná<sup>2</sup>**

<http://orcid.org/0000-0002-4301-9436> 


**Mariana Vogt Michaelsen<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-8389-529X> 

**Tânia Regina Oliveira Ramos<sup>1</sup>**

<http://orcid.org/0000-0002-2477-0419> 

**Thaís Fernandes<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-7971-094X> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – ppglitufsc@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Campo Grande, MS. 79070-900 – ppgel.faalc@ufms.br

*“Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar”.*

Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019)

Empurrar o céu com as mãos, segundo Ailton Krenak, é uma espécie de tai chi chuan,

essa arte marcial chinesa que conecta o externo e o interno, que distingue o cheio do vazio ou que demonstra que a força não é exercida apenas com a parte física de nossa corporalidade, mas também com o sentir e o pensar. Então, quando sentirmos que o céu está muito baixo faremos um movimento de expansão e seguiremos. Podemos combinar assim? O que podemos compreender desta ação que pode, aparentemente, ser simples? Empurrar o céu, com as mãos ou até mesmo com um sopro.

A estratégia ensinada por Krenak durante uma palestra em Lisboa em 2019 estava situada no contexto de resistência dos povos originários diante da colonização. Como esses povos tratavam de resistir contra essa tal humanidade que gostaria de aniquilar seus mundos, suas crenças, suas cosmovisões? Então, da mesma forma que se empurra o céu para adiar o fim do mundo, tentamos desesperadamente empurrar o céu para pedir segurança ao povo Laklãnõ-Xokleng, para pedir o fim do genocídio e da militarização nas comunidades periféricas pelo Brasil, para pedir o cessar fogo às guerras pelo mundo, para pedir que nuvens de chuvas cheguem ao Amazonas e ao Pantanal. De todo o desespero que tem nos envolvido, a sabedoria ancestral indígena é a força que pode nos unir e nos ensinar que estamos todos conectados ao mesmo cosmo. Nada fica além ou aquém do que está, assim como disse Krenak (2019, p. 15) “nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo”.

Originário da terra e do povo Krenak, nascido em Itabirinha (Minas Gerais), região do Vale do Rio Doce, Ailton Krenak vem sendo exemplo como ativista indígena desde os anos 1970, seja atuando na criação da União das Nações Indígenas (UNI), seja como organizador da Aliança dos Povos da Floresta ou como organizador de uma proposta para a Constituição de 1988 em defesa dos direitos dos povos indígenas, com a inclusão do “Capítulo dos Índios”. A intervenção de Krenak no Plenário ficou marcada como uma das manifestações mais emblemáticas daquele momento em prol da dignidade indígena, em defesa da emenda popular da UNI<sup>1</sup>. Além disso, Krenak segue colecionando trabalhos como ambientalista e educador, publicando seus livros e proferindo palestras. Foi nomeado doutor *honoris causa* pelas Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade de Brasília (UnB) em 2016 e 2021, respectivamente.

Em 2023, Ailton Krenak, tornou-se o primeiro indígena eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL). Certamente, seus ensinamentos enquanto indígena, ativista, escritor e jornalista vão muito além do que a ABL pode oferecer a ele como ocupante da cadeira número 5. É preciso comemorar sim, mas também é preciso estar à espreita. A bem dizer, Ailton não caberia em uma cadeira da ABL, assim como Conceição Evaristo até hoje não coube e talvez nunca caberá. Evaristo, uma das maiores escritoras brasileiras da contemporaneidade, foi eleita, em novembro de 2023, imortal pela Academia Brasileira de Cultura (ABC), mas foi negada pela ABL nos últimos anos. Os critérios para escolha de novos integrantes da ABL precisam ser revistos, o que não tira o mérito de Krenak nem a dignidade de Evaristo em não querer mais ser eleita pela instituição. Afinal, como diz o

---

<sup>1</sup> Visualizar manifestação no documentário “Índio Cidadão?” (2014).

ditado “não se diminua pra caber”, não force para caber, exija seu espaço, empurre, empurre o céu.

A sanção da Lei 14.723, de 13 de novembro de 2023, a nova Lei de Cotas, assinada pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, é um movimento de expansão a ser destacado por sua importância. Ela altera a Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dentre as alterações está a inclusão de quilombolas como beneficiários da lei, além de priorizar o recebimento de bolsas de permanência e auxílio financeiro para cotistas e a extensão das políticas afirmativas para a pós-graduação<sup>2</sup>. Representa uma conquista da luta coletiva a partir da exigência por espaço.

Ainda nessa direção, em setembro de 2023 o Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC (PPGLit) estabelece, a partir do Edital 02/PPGLit/2023, novos critérios de Ações Afirmativas que vinculam ingresso e permanência.

Se encontramos nos Estudos Literários espaços para alargar reflexões, podemos criar novas ficções e realidades possíveis. Além de empurrar os céus, as mãos também carregam o gesto e a possibilidade de escrita, de tornar palavra, de tomar a palavra. Dalva Maria Soares<sup>3</sup> (2020, p. 56) sente falta de “uma escrita com cheiro de alho, de sabão em pó, de água sanitária e amaciante. A caneta com cheiro de cebola, porque a ideia surgiu enquanto se preparava o almoço”. Os cheiros dos alimentos nas mãos transpassam a escrita, assim como nos lembram de perceber o cotidiano.

No gesto do cozinhar temos a colheita como origem, mas também o plantio e o cultivo. O céu e a terra. E depois cozinhamos com as mãos, alimentamos com as mãos. Madalena diz a Rita – personagens do filme *Histórias que só existem quando lembradas* (2012), dirigido por Júlia Murat – que é preciso sentir o tempo da massa com as mãos, enquanto ensina Rita a fazer pão. O tempo depende da sova, da temperatura, dos ingredientes. É preciso esperar, sentir, sovar e empurrar. Depois de sovar, Madalena lembra que a massa precisa respirar: “agora ela tem que respirar. Porque pão é como gente, se não respira, endurece”. No filme, a diferença geracional entre as personagens se manifesta como possibilidade de transmissão de saberes, com o desejo de que Rita continue a fazer o pão de Madalena.

A artista Monique Burigo nos conduz nos movimentos de distanciar, aproximar e espelhar com a fotografia intitulada *Conexão* (fotografia e manipulação digital), que estampa a capa deste volume. O trabalho faz parte da série *A busca*<sup>4</sup> que, segundo a autora, é “um autorretrato em fotografia digital, parte de uma série de três imagens, em que se utiliza espelhamento, repetição e a técnica de cartema para enfatizar a busca por si

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/sancionada-pelo-presidente-lula-nova-lei-de-cotas-amplia-vagas-nas-universidades-publicas>. Acesso em 18 nov. 2023.

<sup>3</sup> Dalva Maria Soares é mineira, escritora, doutora em Antropologia Social pela UFSC, mestra em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É autora de *Para diminuir a febre de sentir* (Venas Abiertas, 2020), *Do menino* (Venas Abiertas, 2021) e *Me ajuda a olhar!* (Venas Abiertas, 2023).

<sup>4</sup> A série pode ser acessada no site da autora: <https://moniqueburigo.com/autoral/a-busca/>. Acesso em: 19 nov. 2023.



mesma. Perto de si, mas ainda distante. Distante, mas dentro de si”. Apesar do espelhamento de si estampado nessa fotografia, a artista tem uma produção e pesquisa sobre as suas ancestrais, mulheres de sua família. Assim, será o espelhamento de si um espelhamento geracional?

Já nos movimentamos entre céus e terras, flamam os efeitos do fogo das queimadas e o fogo que coze os alimentos. A água, na voz de Graça Graúna<sup>5</sup> – a partir de sua intervenção intitulada “Literatura e democracia na construção dos saberes indígenas” e apresentada no XVIII Congresso Internacional ABRALIC, realizado em 2023 – reforça uma fala realizada na edição da ABRALIC de 2018: “a literatura indígena é uma canoa no mar da ancestralidade”. Não por acaso Graça Graúna dedicou sua apresentação a Marcia Mura<sup>6</sup> que, com uma canoa, percorre o Rio Madeira em uma luta contra as hidrelétricas da região.

Reverbera o questionamento que motivou a mesa 11: “Como ensinar literatura com vistas à construção de espaços democráticos de aprendizagem?”, da já citada XVIII edição do Congresso da ABRALIC na qual Graça Graúna esteve presente. Para a autora, os caminhos de resposta passam pela dimensão da coletividade e “a importância de ler o mundo pelo viés dos saberes ancestrais” (GRAÚNA, 2023).

Publicar vozes acadêmicas através de *performances* de leituras, tantas delas em formação, tem sido a função de nosso Anuário. Neste número, trazemos questões caras aos estudos literários, mobilizando vozes, imaginários, representações e epistemologias diversos. Mais uma vez, os textos lidos e avaliados, e agora publicados, socializam reflexões teóricas que circulam e se disseminam em múltiplos espaços da crítica literária acadêmica, o que poderíamos definir como garantia de um vir-a-ser da literatura enquanto resistência.

## Referências

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Literatura Comparada. Mesa 11 – Como ensinar literatura com vistas à construção de espaços democráticos de aprendizagem?. *Youtube*, 14 ago. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=A20XntBwrjU&t=735s&ab\\_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oBrasileiradeLiteraturaComparada](https://www.youtube.com/watch?v=A20XntBwrjU&t=735s&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oBrasileiradeLiteraturaComparada). Acesso em: 19 nov. 2023.

---

<sup>5</sup> Graça Graúna é indígena potiguara, escritora, crítica literária, professora adjunta na Universidade de Pernambuco, mestra e doutora em Letras pela UFPE, pós-doutora em Literatura, Educação e Direitos Indígenas pela UMESP. Autora dos livros *Canto Mestizo* (1999); *Tessituras da terra* (2000), *Tear da palavra* (2001), *Criaturas de Nanderu* (2010), *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil* (2013), *Flor da mata* (2014) e *Fios do tempo* (2021). Participa de antologias poéticas no Brasil e no Exterior. É membro titular do Conselho de Educação Escolar Indígena (CEEIN/PE). Convidada de honra da Sorbone/Paris, no Colóquio Amerianidades no Brasil e no Quebec, em nov. 2017. Responsável pelo Site/Blog “Tecido de vozes” (gracagrauna.com), no Wordpress. Coordena a Rede de Vozes Ancestrais (REVOA) e lidera o grupo de pesquisa GRUPEC: Grupo de Estudos Comparados – Literatura e Interculturalismo, na UPE.

<sup>6</sup> Marcia Mura é educadora, pesquisadora e articuladora política e cultural. Faz parte do Povo Indígena Mura. É graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia. Mestre em sociedade e cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. É autora do livro *Espaços lembrados: experiências de vida em seringais da Amazônia*.



BRASIL. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm). Acesso em: 19 nov. 2023.

BRASIL. *Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023*. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.htm#:~:text=Os%20alunos%20optantes%20pela%20reserva,nas%20institui%C3%A7%C3%B5es%20federais%20de%20ensino.%E2%80%9D](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.htm#:~:text=Os%20alunos%20optantes%20pela%20reserva,nas%20institui%C3%A7%C3%B5es%20federais%20de%20ensino.%E2%80%9D). Acesso em: 19 nov. 2023.

GRAÚNA, Graça. Literatura e democracia na construção dos saberes indígenas. In: ASSOCIAÇÃO Brasileira de Literatura Comparada. Mesa 11 – Como ensinar literatura com vistas à construção de espaços democráticos de aprendizagem?. *Youtube*, 14 ago. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=A20XntBwrjU&t=735s&ab\\_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oBrasileiradeLiteraturaComparada](https://www.youtube.com/watch?v=A20XntBwrjU&t=735s&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oBrasileiradeLiteraturaComparada). Acesso em: 19 nov. 2023.

HISTÓRIAS que só existem quando lembradas. Direção de Júlia Murat. Brasil, Argentina, França: Vitrine Filmes, 2012 (96 min).

ÍNDIO CIDADÃO? (DF, 2014, 52'). *Índio cidadão? O filme*. 1 vídeo (52:03) 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ti1q9-eWtc8&t=10s> Acesso em: 20 ago. 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Dalva Maria. *Para diminuir a febre de sentir*. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2020.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Alessandra Guterres Deifeld** (alessandradeifeld@hotmail.com) é doutoranda em Literatura pela UFSC, mestra em Literatura pela UFSC (2022), graduada em Direito pela Univali e Pós-Graduada em Direito Constitucional pela Univali. Compõe a Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas do PPGLit e a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura. Desenvolve pesquisas sobre artes e literaturas indígenas.

**Desirée Francine dos Santos** (desireefsantos@gmail.com) é doutoranda em Literatura na UFSC (2020), mestra em Letras pela UFPR (2016) e graduada em Letras – Língua Portuguesa pela UFOP (2012). Desenvolve pesquisas sobre traduções artísticas e literárias de autorias negras. Possui publicações de ensaios, poesias, traduções e ilustrações em meios digitais. Tem experiências nas áreas de ensino de línguas, ensino de literaturas, revisão textual, traduções literárias e ilustração/pintura. Atua profissionalmente com textos e imagens.

**Elton da Silva Rodrigues** (eltonrodriguesdsr@gmail.com) é licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2018) e mestre em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da mesma universidade. Integra a equipe do LabFLOR e compõe a



Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura. Atualmente, atua na Educação de Jovens e Adultos na Prefeitura Municipal de Florianópolis.

**Isabele Soares Parente** (isabele.soares.p@gmail.com) é mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri. É pesquisadora do Núcleo de Estudos em Teoria Linguística e Literária (NETLLI) e participa do Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular Behetçoho. Compõe a comissão editorial da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC).

**Jair Zandoná** (jzandona@gmail.com) é doutor e mestre em Literatura pela mesma instituição. É um dos editores da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC) e editor de resenhas da Revista Estudos Feministas (REF). Integra o quadro de pesquisadores/as do Instituto de Estudos de Gênero/UFSC, do Literatual/UFSC e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo/UFSC. Atualmente, é professor visitante no PPGEI da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Mariana Vogt Michaelsen** (marivogt1104@gmail.com) é doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Literatura pela UFSC. Graduada bacharel em Psicologia pela UFSC. Integrante do nuLIME – Núcleo de Literatura e Memória. Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura.

**Tânia Regina Oliveira Ramos** (taniareginaoliveiramos@gmail.com) é Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do nuLIME – Núcleo de Literatura e Memória. É uma das editoras da Revista Estudos Feministas e da Anuário de Literatura. Atua nas áreas de gênero e subjetividades, história e memória literária.

**Thais Fernandes** (fernandes.tha@gmail.com) é mestra e doutora em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, subcoordenadora do nuLIME – Núcleo de Literatura e Memória e pesquisadora do NUPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística. É uma das editoras da Anuário de Literatura.

#### **Agradecimentos**

Não se aplica.

#### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT**

DEIFELD, Alessandra Guterres; SANTOS, Desirée dos; RODRIGUES, Elton da Silva; PARENTE, Isabele Soares; ZANDONÁ, Jair; MICHAELSEN, Mariana Vogt; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; FERNANDES, Thais. Empurrar o céu com as mãos: práticas coletivas de expansão. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-07, 2023.

#### **Contribuição de autoria**

Elaboração e contribuição coletiva.

#### **Financiamento**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência, e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – FUNDECT/MS

#### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

#### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

#### **Conflito de interesses**

Não se aplica.

#### **Licença de uso**



Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

#### **Histórico**

Recebido em: 30/10/2023

Aprovado em: 28/11/2023

Publicado em: 08/12/2023

